VII Enapol: O Império das Imagens.

**O Eu e o objeto olhar**

Integrantes: William Dos Santos, Patrizia Expósito, Carla González, Ramón Ochoa, Susana Strozzi, Cristina González de Garroni (responsável)

Abordar a temática do eu e o objeto olhar, no marco do tema da ENAPOL “O império das imagens” leva-nos num primer momento, a traçar as coordenadas teóricas sobre a conjunção entre a função escópica e a constituição do eu e, num segundo momento, situar esta conjunção na atualidade da nossa época onde as imagens tem um lugar protagônico na vida do *parletre*.

**O estádio do espelho, a constituição do eu e a mirada.**

 Ao início do seu ensino, quando formalizou o estádio do espelho, Lacan dá conta da constituição do eu a partir do momento em que a criança reconhece a imagem no espelho como própria. O *infans*, que não tem ainda domínio do seu corpo, tem a vivencia de fragmentação corporal e chega um momento em que, ante o espelho, reconhece a imagem que tem a sua frente como própria e fica fascinado por aquilo que vê, um corpo unificado ao qual se identifica, onde esta operação e a matriz do nascimento do eu. A Gestalt da imagem invade-lo com jubilo, assumindo “esse sou eu”. Mas a chave da formulação do Lacan é, como bem e sinalado pela Graciela Brodsky[[1]](#footnote-1) que o corpo no estádio do espelho tem dois lugares, por um lado, o corpo sem coordenação, em déficit, desbordado de gozo, e pôr o outro, do lado do espelho, uma imagem sem corpo, uma imagem plana que o sujeito se identifica e faz dizer “esse só eu. ”

Esta formulação implica que para o Lacan o eu é uma forma, uma imagem unificadora que fascina, mas que no fundo, é um engano, ou seja, detrás desta imagem jubilosa há uma falta. Como bem destaca Miller na sua conferencia “a imagem do corpo na psicanalise. ” [[2]](#footnote-2) “A maneira constante pela qual Lacan da conta da preeminência da imagem do corpo próprio nos seres humanos, tem a ver com a suposição duma falta, com a suposição de um buraco, que a imagem do corpo vem a calmar, a tapar. Não se pode entender o privilegio especifico desta imagem, a importância que tem nos seres humanos, sim supor que vem a tapar uma falta essencial. ”

O déficit experimentado no corpo, o corpo em menos vem a ser velado, tapado pela boa forma da imagem no espelho. Esta hiancia é a que propicia a identificação com a imagem no espelho como “eu ideal”.

Graciela Brodsky pontua isto muito bem [[3]](#footnote-3) “a imagem é um tratamento do gozo e da castração, dá-lhe unidade, marca um limite, civiliza o gozo a traves da ilusão do domínio do eu, mas ao mesmo tempo, essas imagens, que por um lado tem um efeito de fazer marco, tem um efeito de retorno do gozo sobre o corpo. ”

Não podemos esquecer que a unidade do corpo é um engano, vem duma imagem que não lhe pertence, que cobre o corpo fragmentado, e cada vez que se vê vulnerada tal unidade, algo no organismo caótico retorna, chegando a produzir, em muitos casos, um cataclismo subjetivo.

Além disso, no estádio do espelho, está em jogo a pulsão, não há imagem sem olho, não há imagem sem olhar. A função escópica dirá Lacan[[4]](#footnote-4) é aquela onde o objeto a está mais emascarado, protegendo assim ao sujeito da angustia. Miller [[5]](#footnote-5) propõe três momentos para entender o estádio do espelho:

* Num primeiro momento onde a imagem do corpo próprio não há encarcerado o gozo do corpo, onde há um gozo libre da concentração na imagem do próprio corpo.
* Num segundo momento, onde o gozo concentrasse, onde a imagem é um marco para o jubilo que surge da Gestalt da imagem.
* Num terceiro momento, é o momento do gozo fálico.

Podemos localizar então o papel do olhar que está em jogo entre o primeiro e o segundo momento, ponto onde esse gozo desbordado do corpo localiza-se no olho que chafurdasse na imagem, estabelecendo assim um vínculo privilegiado entre o gozo do olhar e a imagem.

Logo, no seminário 11, Lacan propõe que nessa imagem de completude algo se frustra, algo escapa, algo se vela. O olhar. De maneira que essa imagem perfeita que dá um eu ao sujeito, vela algo. Em certa forma, está incompleta. Vela o gozo nesta imagem. Já que se a imagem estivera em ausência do gozo, essa imagem não interessaria, não seria de jubilo, como passa nos animais. É no caso do ser falante, onde esse gozo está entre linhas, velado.

E como essa imagem perfeita descompleta-se com o olhar? Pode-se pensar que desde o vamos instaura-se já com um buraco. Se retomamos o estádio do espelho, a imagem parece estabilizar o gozo mortífero do corpo pulsional do *infans.* O sujeito encontra na imagem especular um suporte do seu corpo sem coordenação e cheio de gozo. A imagem regula alguma coisa do gozo louco, mas não o domestica completamente, não o põe no seu império, já que para constituir-se numa imagem o sujeito deve olhar, deve utilizar uma parte do organismo, o olho, para poder forma o eu. Ao reconhecer a sua imagem virtual, o sujeito elide a libido do olho implicado. Escapasse-lhe que goza olhando a imagem. Hasta esse momento, temos um órgão perfeito, um órgão que goza de si próprio como a boca do Freud, um órgão sim outro. Mais, no estádio do espelho presenta-se um segundo movimento, o virar ao terceiro, que lê confirma ao sujeito a sua imagem. Esse outro o olha. Esse outro o captura gouzando, e nesse outro olhar goza. É neste momento que se completa a constituição do eu. De maneira que o sujeito, por um lado, constitui uma imagem para apaziguar o gozo selvagem, o regula a traves da imagem, e pôr o outro, está inclui pulsão escópica veladamente, a partir do par olhar-olhando. Assim a imagem que se constitui para dar identidade ao sujeito, continua sendo uma forma de gozar. Gozo veiculizado pelo olhar. A imagem-velo remite a um mais além da imagem que leva o objeto causa de desejo. A recuperar alguma coisa de esse gozo onanista e excessivo.

Miller na sua conferência “as patologias do eu nos analises”[[6]](#footnote-6) destaca que para o psicanalise o interesse de estudar o eu só justificasse si é tomado desde um novo angulo o de fazer parceria entre o gozo e o eu. “ Isto faz ver que na clínica talvez exista algo que falta, uma pertinência que falta-nos e que explica a dificuldade contemporânea que temos como analistas. Os câmbios nos modos de gozo é a maneira em que formulamos a dificuldade do facto na cura analítica contemporânea. E parece-me que nesse modo do gozo tem que restituir o eu, que é uma categoria a renovar. ”

A partir do desenvolvimento que temos feito até agora, esta parceria eu-gozo, nos parece que podemos pensa-lo desde uma matriz eu-olhar, para assim aproximar-nos a temática que nos ocupa. Perguntamo-nos: como dá-se ó jogo do olhar e suas incidências no eu, nesta época que temos chamado do império das imagens? Se a imagem tem como função tapar a falta, colmar a castração, regularizar um gozo que como diz Miller, [[7]](#footnote-7)está num primer momento livre. Como entender esse empurro desbordado que impera em nossa época de olhar e ser olhado?

**O Olho de Sauron na época do fim das janelas**

Um dia de praia, o sol do caribe, as ondas e o mar transparente convidam a desfrutar da natureza. Os visitantes desse lugar paradisíaco, sem importar a idade e o gênero, não param de tomar *Selfies,* querem capturar e capturar-se constantemente a traves dum clic dos seus *smartphones*. Não estão na praia, estão na tela.

Um jovem paciente vem a consulta por uma ruptura amorosa, a relação havia tido muitos tropeços, mas o que leva a separação definitiva é que a sua “ex” assume que ele não gosta dela, dado que ele não tem nenhuma foto nas redes sociais com ela: *Si não pões fotos é porque nossa relação não existe.* Assombrado afirma: *nunca tinha entendido o importante que é uma foto.*

Um caso muito mais grave podemos precisa-lo num sujeito mulher, professional, com sucesso que trabalha num meio de comunicação e que dedicava muito tempo a cultivar sua imagem. Num momento decide cortar o cabelo e ao olhar o espelho, encontra-se com o horror, já não é a mesma. De maneira compulsiva, numa semana, tentando recuperar a sua identidade, se faz cortar o cabelo pelo menos sete vezes, mas nunca será igual, a bela forma foi perdida e o espelho retorna-lhe a imagem fragmentada. Retira-se do trabalho, não sai de casa, se alcooliza e logo de um ano, a família pede ajuda e o analista tem que ir assistir ela na sua casa. A única forma que tem de dar conta de quem é ela é pelas fotos onde seu cabelo era belo.

Discutimos uma serie de fenômenos clínicos e sociais que põe de destaque o império das imagens, a identidade e o olhar. Tal como ressalta Brodsky, o que lê interessa ao psicanalise, são os efeitos de gozo no corpo que as imagens têm no sujeito contemporâneo.

O olhar está na ordem do dia. Como toda pulsão procura a satisfação; mas nos encontramos numa época onde os discursos da ciência e as novas tecnologias fazem existir olhos em todo lugar, ao ponto que pode-se ver inclusive além das fronteiras, trata-se de ver tudo; pôr o que temos que diferenciar entre o olhar ligado ao desejo, o olhar como objeto causa e a vontade de olhar que se impõe como mandato superegoico.

 Pensamos na diferencia entre esse olho que tem a opção de fechar as pálpebras e deixar de olhar e o olho sem pálpebras como o do Sauron do senhor dos anéis. No capítulo XVI do seminário X “a angustia” que tem como título “As pálpebras do Buda” Lacan faz referência, a partir da sua experiência no Japão, e o encontro com as estatuas de Bodhisattva, o objeto olhar e a função do olho que diz “o olho é já um espelho” que organiza o mundo como espaço.[[8]](#footnote-8)

Na nossa reflexão, o que queremos precisar é que o olhar da escultura de Bodhitsattva, Lacan ressalta que os olhos não estão completamente fechados, nem completamente abertos; as pálpebras entornadas só permitem passar um fio do branco do olho e um borde da pálpebra, mas nestas se observa que estão feitas de um jeito tal que sempre tenham a aparência de que debaixo há um olho, mas não a nada. É partir de reservar o lugar do vazio que pode-se situar o objeto olhar. O olhar [e ligado a concepção do desejo como uma ilusão, com relação a verdade. *Dizer que o desejo é ilusão [e dizer que não tem suporte, que não desemboca em nada nem aponta a nada.* [[9]](#footnote-9) O lugar do vazio que Lacan destaca permite o surgimento do desejo, assim este seja uma ilusão, porque já sabemos que o objeto está perdido para sempre.

Da mesma maneira, queremos destacar que Sauron, personagem do senhor dos anéis, conhecido também como o “olho vermelho”, o “olho sem pálpebras” e o “grande olho”, pelo seu olhar que abarcava todo seu maligno domínio, bem pode ser a encarnação do que Tarrab chamou “o olho bulímico”[[10]](#footnote-10), ou em palavras de Wacjman “o olho absoluto”[[11]](#footnote-11); olho que, no lugar de abrir campo ao desejo, entra na lógica do superego e do imperativo do gozo: Olha! Ao mesmo tempo reduz o parletre a dimensão do objeto, sim possibilidade de fugir: você é olhado! O olho sem pálpebras que todo se olha sem escanção.

As consequências subjetivas desta omnipresença voyeurístico, com dois caras, a de olhar e ser olhado, observa-se tanto na clínica como na cotidianidade. Como bem o sinala Tarrab, no império das imagens, a imagem já não localiza o gozo e o real, mas que a reprodução inumerável, a multiplicidade, a omnipresença das imagens desvanece ao referente. No império das imagens, subtraem-se a experiência do corpo de uma maneira brutal. [[12]](#footnote-12)

E o que dizer do eu no mundo do império das imagens? Si o eu é a identificação a imagem do espelho, a traves da qual pode-se enunciar “esse só eu”, poderia perguntar-nos Que efeitos tem sob o eu a preeminência da imagem sem a regulação do simbólico?

Marie-Helene Brousse [[13]](#footnote-13) afirma que nesta época distingue-se pela ruptura entre o i(A), o ideal do eu, e a imagem narcisista, o que determina que o eu ideal vai repondo cada vez mais ao ideal do eu por meio da ciência.

Pode-se então falar de um eu forte?, um Ideal da *Ego psychology* que pretende aplanar a dimensão real do corpo, corpo não furado, e sem substancia? E além disso, perguntar-nos se fica então o objeto *a* sem o vaso das flores? [[14]](#footnote-14) Como peças soltas sem possibilidade de localizar o gozo?

Com o olho de Sauron, na época do fim das janelas, se quis fazer referência a este mundo atual onde a vontade de olhar impõe-se e onde falta o marco, o espelho que ordena o real do corpo. O olhar já não emascara o que não se pode olhar, já não ordena aquilo que está solto. A ciência y a tecnologia pretende ter o mando, mas como diz Eric Laurent *A boa notícia e que graças à angustia nada disto vai a funcionar.[[15]](#footnote-15)*

1. Brodsky, Graciela. “Mi cuerpo y yo”, http://www.nel-mexico.org/index.php?sec=Conferencias-y-Mesas-redondas&file=Conferencias-y-Mesas-redondas/2015/15-02-20\_Mi-Cuerpo-y-Yo.html. [↑](#footnote-ref-1)
2. Miller, Jacques-Alain. (1995). “La imagen del cuerpo en psicoanálisis”, en *Introducción a la clínica psicoanalítica* ELP –RBA. Barcelona, 2006. Pag 382. [↑](#footnote-ref-2)
3. Brodsky, Graciela. Ibidem. [↑](#footnote-ref-3)
4. Lacan, Jacques. Seminario X. [↑](#footnote-ref-4)
5. Miller, Jacques-Alain. (1995). “La imagen del cuerpo en psicoanálisis”, en *Introducción a la clínica psicoanalítica* ELP –RBA. Barcelona, 2006. [↑](#footnote-ref-5)
6. Miller, Jacques-Alain. (1995). “Las patologías del yo en análisis”, en *Introducción a la clínica psicoanalítica* ELP –RBA. Barcelona, 2006. [↑](#footnote-ref-6)
7. Miller, Jacques-Alain. Ibídem 5. [↑](#footnote-ref-7)
8. Lacan Jacques. *El Seminario, libro X, La Angustia*, Buenos Aires, Paidós, 2006. Pag. 242 [↑](#footnote-ref-8)
9. *Ibid pag. 241*. [↑](#footnote-ref-9)
10. Tarrab, Mauricio. “El ojo bulímico y el lobo”, http://oimperiodasimagens.com.br/es/faq-items/el-ojo-bulimico-y-el-lobo-mauricio-tarrab/. [↑](#footnote-ref-10)
11. Wacjman, Gérard. “El ojo absoluto” Editorial Manantial. Buenos Aires, 2011. [↑](#footnote-ref-11)
12. Tarrab, Mauricio. *Ibidem*. [↑](#footnote-ref-12)
13. Brousse, M-H. “Cuerpos Lacaniaos: novedades contemporáneas sobre el estadio del espejo” en Colofón 29. Valencia, 2009. [↑](#footnote-ref-13)
14. Brousse, M-H *Ibidem*. [↑](#footnote-ref-14)
15. Laurent, Eric. Los órganos del cuerpo en la perspectiva psicoanalítica. Recuperado en http://www.nel-mexico.org/articulos/seccion/textosonline/subseccion/El-cuerpo/347/Los-organos-del-cuerpo-en-la-perspectiva-psicoanalitica. [↑](#footnote-ref-15)